A EVOLUÇÃO E O DESTINO HUMANO

Segundo P. Teilhard de Chardin

Por Laurent DRILLON

(traduzido[1] de *"Teilhard Aujourd'hui"*, nº 14, Junho 2005)

I. – COMO SE COLOCA O PROBLEMA

Imaginai ... Imaginai um navio que mantém a proa virada a ventos e marés. Ninguém pensa que não haja uma vontade que o habita, uma inteligência que o guia. Ninguém o tomará por um navio fantasma largado ao capricho de ventos e correntes. Pelo contrário, perguntar-se-á muito naturalmente donde ele vem, para onde vai e quem o dirige.

Pois bem, para nós, habitantes do planeta Terra, o universo é muito semelhante a este navio.

Desde o início do século XX sabemos que o nosso universo não foi sempre exactamente como o vemos hoje. Tendo partido dum amálgama de partículas, ele organizou-se para formar as estrelas, os planetas, a nossa Terra em particular onde, muito mais tarde, a vida apareceu. Primeiramente rudimentar, depois, cada vez mais complexa: as plantas, os animais ainda prisioneiros da sua condição biológica e, por fim, o homem limitado na sua natureza mas atraído para o alto pela sua espiritualidade e procura do Belo, do Verdadeiro e do Bem. O universo segue uma trajectória bem determinada. Nada mais natural, portanto, que se pergunte donde ele vem, para onde vai e quem o dirige.

Eis as questões que se nos impõem !

Mas os nossos espíritos, agarrados ainda a uma concepção estática do mundo, têm grande dificuldade em representar-se a evolução e em admitir-lhe as consequências. E, no entanto, não se trata duma hipótese entre outras, mas duma realidade que não pára de se impor a todos nós. Partindo dos nossos conhecimentos sobre este mundo, seguiremos Teilhard passo a passo nas suas análises, nas suas tomadas de posição e, então, seremos arrebatados para um futuro radioso, mas um futuro colocado sob a nossa responsabilidade de Homens livres das suas escolhas.

II. – OS NOSSOS CONHECIMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO

A evolução é a história do universo, uma história que se desenrola a uma velocidade tão ténue aos nossos olhos humanos que ficou despercebida durante um longo tempo.

Contudo, não constitui uma descoberta recente. O darwinismo, popularizado no século XIX, deveu grande parte do seu sucesso ao aspecto negativo do seu pensamento:

---

[1] Tradução da responsabilidade da
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN EM PORTUGAL

poder-se dispensar um Criador. Mas é evidente hoje em dia que se ela (a evolução) se tivesse limitado a um fenómeno de adaptação às condições materiais da existência, o mundo vivo não teria avançado muito e teria ficado duma extrema pobreza. A evolução adaptativa inscreve-se com efeito num movimento muito mais vasto: não se trata apenas duma teoria explicativa das transformações do mundo animal, mas é a própria trama da história do universo, desde as partículas iniciais até ao homem. O homem, termo actual desta sequência evolutiva que se eleva continuamente da matéria inerte até à Vida e ao psiquismo.

Para compreender a evolução, seguir as suas diferentes etapas, analisar as suas características, precisamos dum guia. Dentre os cientistas que estudaram este fenómeno, o Padre Teilhard de Chardin ocupa um lugar especial. Desde o início do século XX, este geólogo, investigador duma excepcional qualidade, soube reconhecer a amplidão deste movimento. Constatou a sua progressão gradual e cronológica em direcção a formas cada vez mais complexas. Tendo participado em 1929 na descoberta do sinantropo, e apesar dum ambiente espiritual hostil, contribuiu para pôr em evidência a origem animal do homem e a unicidade do mundo. Vamos segui-lo na exploração e na análise das diferentes etapas da evolução.

A Pré-vida ou Cosmogénese

No começo, já lá vão cerca de 15 mil milhões de anos, não se encontrava senão energia e radiações, não estando a matéria ainda formada. Ela aparece dentro dum plasma de partículas sob a forma de átomos. Cada um deles não é constituído por justaposição de partículas mas pela sua associação num conjunto unitário. Consoante o número de partículas ligadas entre si deste modo, assim diferem os átomos. Teilhard notou que a ordem de aparição dos diferentes átomos correspondia exactamente ao seu grau de complexidade: em primeiro lugar apareceu o mais simples, o hidrogénio, o hélio ... etc., até ao mais complicado.

Da mesma maneira sobre o nosso planeta, os átomos foram-se associando para formar unidades novas: as moléculas, primeiro as mais simples, depois, gradualmente, as mais complexas. Cada novo elemento assim formado constitui um todo organizado, uma entidade inteiramente à parte, um centro (no mesmo sentido em que falamos de centro industrial ou de centro cultural). Torna-se evidente que existe uma ligação entre complexidade e centridade, aquilo a que Teilhard chama de centro-complexidade.

Assim, aparecem logo desde o início duas características que reencontramos sempre ao longo da evolução: um grau de complexidade que vai aumentado e,

entre cada etapa, um limiar que marca um *mais* relativamente à fase precedente. Há mais na molécula do que no átomo, mais no átomo do que na partícula.

A Vida ou Biogénese

Cada vez mais complexas e cada vez maiores, as moléculas atravessam um novo limiar: o limiar da Vida. Cada um dos novos centros torna-se capaz de relação com o ambiente, capaz de se desenvolver, de se reproduzir. A matéria, sempre composta pelos mesmos elementos de base – átomos e moléculas, acede a um grau superior de organização. Deste modo, a arrancada de cada nova etapa tem já a sua origem inserida nas etapas precedentes. No nosso universo tudo se sustenta. É o que confirma Teilhard: *«É especialmente sobre três infinitos que o mundo está construído: sem dúvida o ínfimo e o imenso, mas também ...o imensamente complicado ... Cada infinito, como nos ensina a Física, é caracterizado por certos "efeitos" especiais próprios desse Infinito ... Tais os Quantas no Ínfimo. Tal a Relatividade no Imenso. Uma vez isto admitido, qual poderá ser o efeito específico de Complexos muito grandes (reconhecidamente, como acabamos de ver, formando no Universo um terceiro infinito?) Olhemos bem. Não será isso justamente aquilo a que chamamos a Vida. A Vida com as suas duas séries de propriedades únicas: as externas (assimilação, reprodução ...), as outras, internas (interiorização e psiquismo) ?» (vol.8, p107)*

Efectivamente, no estádio da Vida emerge uma propriedade até então imperceptível: uma mini-percepção interior, um *de dentro* das coisas, um *de dentro* que anima um *de fora.*. Teilhard fala de consciência. Uma consciência que vai progredindo de par com a centro-complexidade. O domínio dos seres vivos vai, então, desenvolver-se e diversificar-se de maneira prodigiosa.

Primeiramente, o mundo dos monocelulares: principalmente os vegetais, os seres com carapaças externas e depois os seres com esqueleto interno. Cada um destes ramos dá origem a grupos cada vez mais elaborados e enxertados uns sobre os outros. Em particular os vertebrados, dos anfíbios aos mamíferos, conduzem até nós esta vaga ascendente da evolução. Nela podemos medir a progressão da consciência seguindo o desenvolvimento do sistema nervoso, em particular o do encéfalo.

O Pensamento ou Noogénese

Após uma mutação cerebral, um novo pórtico é franqueado: o do Pensamento. É o nascimento do Homem. Tal como nas sínteses precedentes, os germes deste estado absolutamente novo estão presentes nas fases anteriores.

O maior contributo do Pensamento é a separação do homem do animal. Enquanto a evolução do mundo animal vai desabrochando em ramos divergentes, o grupo zoológico humano, ao contrário, progride seguindo o eixo do pensamento consciente. O futuro deixa de se balançar sobre a diversidade biológica. O centro que aparece agora consagra um novo estado, o da consciência: a consciência de si. O que caracteriza o Homem é a consciência do que ele é, a consciência do que ele faz, e não uma maior faculdade de percepção ou de adaptação. *«O Homem sabe que sabe.» - «A Vida é hiper-centrada sobre si ao ponto de se tornar capaz de previsão e de invenção (e, naturalmente, de tudo o que se segue em matéria de Pensamento descobridor e construtor do Mundo.» (vol.8, p163)*

Traços Essenciais da Evolução

Uma vez chegados ao Homem, termo actual do percurso, podemos tentar destrinçar as principais características da evolução.

Desde logo, uma complexificação presente ao longo de toda esta cadeia, associando e combinando os elementos mais simples em unidades novas que, por seu lado, serão incluídas em conjuntos mais elaborados.

Mas esta progressão não é uma continuidade sem falhas. É acompanhada de saltos bruscos: limiares que marcam o acesso a um grau superior de organização, comparáveis a verdadeiras mudanças de natureza como a passagem da matéria inerte à Vida e da Vida ao psiquismo. Pode-se dizer que tudo sobe e tudo converge, uma vez que este movimento nunca se inverteu para se desfazer ou recair em elementos mais simples e dispersos.

Esta complexidade põe em evidência uma característica da matéria inerte ou viva despercebida durante muito tempo. Cada elemento, mesmo rudimentar – átomo ou molécula – conserva a sua unidade dum todo organizado, constitui um centro e é nessa qualidade que pode unir-se a outros para formar um corpo novo, um centro superior aos que o constituem, tal como o hidrogénio e o oxigénio que se unem para formar a água. Do mesmo modo, cada célula viva que faz parte dum organismo vivo, desempenha um papel particular: a união não uniformiza, ela especializa e diferencia. É no domínio dos seres vivos, isto é, no estádio da grande complexidade, que aparece mais claramente a existência do *de dentro* das coisas. Teilhard utiliza aqui o termo consciência no seu sentido mais geral. Chegado ao cume desta hierarquia do ser vivo, podemos dizer que a união não somente diferencia como personifica. Aparece assim a pessoa humana.

Existe ainda uma outra característica que ainda não evocámos: é a aceleração fulgurante deste movimento. É difícil tomar disso consciência porque as durações empregadas para medir a evolução ultrapassam de longe as nossas escalas de percepção: milhões e milhares de milhões de anos. Para termos disto uma ideia acessível, o melhor é referirmo-nos aos diversos calendários cósmicos estabelecidos pelos cientistas.

Por exemplo, se a duração conhecida da evolução (cerca de 15 mil milhões de anos) for condensada num só ano de calendário, obtemos a seguinte cronologia:

Fixando a origem do Mundo[2] no dia 1 de Janeiro, teremos que esperar até 14 de Setembro para assistir à formação da Terra; a vida não aparece nela, sob a sua forma mais rudimentar, senão a 25 de Setembro, os peixes a 19 de Dezembro, os pássaros a 27 de Dezembro e os primatas a 29 de Dezembro; o homem, esse chega só a 31 de Dezembro, às 22h30. Estamos a 31 de Dezembro, à meia-noite, e o homem inventou o fogo há 14 minutos! No último minuto, os acontecimentos importantes sucedem-se: ao 20º segundo, o homem torna-se agricultor; Abraão manifestou-se há 9 segundos, Moisés há 7 segundos e Jesus há 4 segundos.

Considerando o passado, Teilhard apercebe-se da extraordinária coerência da evolução que permitiu a aparição dum ser que se tornou consciente e livre. Obtemos a nossa verdadeira árvore genealógica subindo do homem até ao Big-Bang. Como não nos sentirmos directamente interpelados por este movimento e não nos colocarmos a questão do nosso futuro ?

III. – ONDE NOS ENCONTRAMOS ?

Antes de especularmos sobre o futuro, precisamos de analisar o mundo actual e de aí procurar as tendências ou os sinais que traduzirão a influência da evolução na aventura humana.

A morfologia do homem só se estabilizou de há cerca de cem mil anos para cá, mas desde então o seu modo de vida e o seu domínio sobre o mundo envolvente deram um salto gigantesco. A parte do instinto reduziu-se ao mínimo (o mamilo do seio materno, por exemplo), pelo que o homem tem de aprender tudo, a começar por se aguentar de pé, andar, falar. A actividade do cérebro e a linguagem articulada permitem-lhe exprimir tudo: o concreto, o abstracto, o raciocínio e até o afectivo. É assim que o aumento do saber, a diversidade das artes, a formação da personalidade de cada um e a lenta elaboração duma cultura dependem estreitamente

[2] = universo (n.T.)

da natureza humana. Da pré-história à época actual, a progressão é considerável.

Historicamente, os homens disseminaram-se pouco a pouco por toda a superfície do planeta, adaptando-se a todas as condições, mesmo as mais extremas. Mas para sobreviver e agir, eles tiveram que se unir e se organizar entre si. Estes aglomerados tornam-se cada vez mais importantes (tribos, cidades, nações, civilizações), desenvolvem-se, entram em competição e, algumas vezes, desaparecem para dar lugar a outros melhor armados. No interior de cada grupo, os indivíduos diferenciam-se desempenhando cada um o seu papel, dependendo uns dos outros. Hoje, a rede de ligação entre todos esses grupos é tão densa que eles formam uma autêntica entidade.

Como constatamos, sob a pressão demográfica e o extraordinário desenvolvimentos dos meios de comunicação, a humanidade tem tendência a estreitar-se em si mesma. Organiza-se como um enorme ser vivo com os seus sistemas circulatórios (estradas, caminhos de ferro, aviões), de nutrição (mercados), nervosos (telecomunicações) e mesmo de reprodução (cultura e educação). Em vez de se dispersarem, vemos os homens ligados entre si por relações cada vez mais estreitas.

Mas sabemos que a natureza humana se caracteriza pelo pensamento reflexivo, cujo ascendente aumenta sobre os homens e as suas condições de vida. As actividades puramente físicas perdem o seu carácter de absoluta necessidade para a sobrevivência da espécie, o trabalho muscular desaparece em favor dos serviços. As facilidades fornecidas pelas redes informáticas vão originar uma difusão geral das ideias, reduzir as barreiras entre as diferentes culturas e pesar cada vez mais sobre as orientações e as decisões futuras.

Estas generalidades mostram-nos bem que as principais características da evolução se encontram na história da humanidade: complexidade crescente, convergência para uma sociedade onde os indivíduos se encontram cada vez mais interligados e dependentes uns dos outros. Desde logo, somos muito naturalmente levados a questões que nos interessam: que futuro para o homem ? Que futuro para a humanidade ?

O geólogo e paleontólogo Teilhard, com o apoio da sua fé, não se limitou à exploração do passado longínquo; também analisou o nosso tempo presente no mesmo espírito. Todas estas transformações, que hoje se precipitam e nos desorientam, são para ele apenas a expressão, ao nível da humanidade, do fenómeno geral da evolução. De alguma maneira, encontramo-nos num patamar de complexificação da sociedade. Período cheio de violência e de perigos visto que a selecção natural ainda exerce as suas sevícias, por exemplo no

domínio económico. Mas também período de maturação que prepara o transpor do limiar superior duma mais consciência. Não é para admirar que esta visão, realmente profética, tenha na altura incomodado muito. Em contrapartida, a confirmação que ela encontra hoje em dia pode ser-nos de grande ajuda.

IV. – PERSPECTIVAS DE FUTURO

Com a ajuda do cientista Teilhard pudemos observar a evolução, notar-lhe a progressão, as combinações e, assim, estabelecer uma verificação sem preconceitos nem do porquê nem do como. Agora, faremos apelo ao visionário Teilhard para esclarecer o futuro. Não um futuro imediato, povoado de acontecimentos diversos, mas um futuro a longo prazo, na linha directa do passado, um futuro capaz de definir uma orientação para um objectivo que nos incite a laborar e a esperar.

Para nos aventurarmos por esse futuro com Teilhard, precisamos de admitir com ele que a evolução é irreversível, que ela não pode parar nem recuar. Dito doutra maneira, é necessário recusar o absurdo duma perspectiva de morte total do universo e de nós mesmos. É preciso ultrapassar um limiar e admitir este postulado: a evolução tem um sentido.

Ficando apenas no plano do humano, pode-se definir, prolongando o passado, a direcção de um futuro compatível com a nossa natureza humana. Ou seja, sempre mais complexidade, sempre mais consciência. Para permanecermos nesta perspectiva optimista, a evolução deve reunir-nos e convergir para o espírito. Para evitar o fracasso por asfixia, esta união deve manter-se humanamente satisfatória. Deve realizar-se por atracção para cima, como nas sínteses precedentes, o que implica um futuro virado para o Amor, visto que só o Amor pode unir sem esmagar. Para tal, a energia espiritual deve suplantar a energia biológica.

Diversos factores pressionam nesse sentido:

- primeiro, o poder de invenção dos homens, muito mais eficaz do que o acaso;
- em seguida, a capacidade de atracção ou de repulsão (o amor ou o ódio) que intervêm nas suas relações e que, muitas vezes, ultrapassa as contingências materiais;
- enfim, e sobretudo, a exigência de esperança nos resultados dos seus esforços e de absoluto no fim perseguido.

O grupo zoológico humano dirigir-se-á, pois, para um estádio colectivo e superior, um ultra-humano. Um estádio ainda por vir, em que a consciência global não será uma simples adição das consciências individuais, mas uma

realidade superior e diferente, um pouco como as moléculas se unem para formar um corpo novo.

A humanidade tende para algo maior que ela própria. Visto que o homem tem consciência do desejo e da necessidade dum *mais-ser* que atrai, é impossível, se o mundo tem um sentido, que esse *mais-ser* não exista. O homem não é mais do que um corredor da estafeta da sua plenitude, que é a convergência no Amor absoluto. É a este foco de convergência que Teilhard chama Ómega, motor e fim desta dinâmica.

Ideia perfeitamente utópica para nós, que estamos ainda fresquinhos de animalidade e que contemplamos em todos os domínios as competições mais impiedosas. Mas tal não quer de maneira nenhuma dizer que o futuro esteja já inteiramente traçado ! A evolução para o homem e para a humanidade não é um facto inelutável. Somos nós que a temos de construir, pois sendo conscientes dela devemos dela ser responsáveis. Isto implica que a atitude de cada um de nós deve tender sempre a mais amor: amor fraternal, familiar, conjugal, social... O sentido da evolução impõe-se a todos: vamos na direcção de mais consciência, mais conhecimentos e mais necessidades espirituais. Dirigimo-nos para o fim último do Amor absoluto, ou seja, Ómega.

Todos somos parte implicada nesta aventura e não nos é possível dissociarmo-nos da humanidade e do seu destino. É evidente que colaboramos positivamente com este movimento na medida do bem que pudermos realmente fazer e do mal que pudermos realmente evitar. Mas, seja a nossa atitude activa ou passiva, ela terá sempre uma influência: seja mais fraca ou mais importante, positiva ou negativa, ela nunca será nula. Não podemos escapar à nossa parte de responsabilidade, tal como não podemos recusar a evolução no sentido do imaterial. A questão é de saber se, beneficiando da nossa liberdade, nós participaremos activamente nessa dinâmica ou se a entravaremos pela nossa passividade.

Porquê e como participar, isso implica uma moral dinamizante fundada sobre este preceito: «**É bom tudo o que favorece a evolução espiritualizante do Universo**». Uma moral assim, baseada nas leis da natureza, sobre a própria estrutura do mundo, teria mais justificação e impacto do que uma moral tradicional, ditada por homens para outros homens, em função de circunstâncias, costumes ou interesses, mais ou menos duráveis e arbitrários.

«A partir do momento em que ... é numa rede não já de convenções mas de ligações orgânicas que a Socialização pouco a pouco nos enlaça, que começamos então a realizar no nosso espírito a grandeza e a gravidade verdadeiras da condição humana. Porque, com o Jurídico, podemos sempre por um qualquer compromisso chegar a entendermo-nos. Enquanto que o Orgânico, se o violamos, esse não perdoa.»

Este tipo de moral é muito mais constrangedor. Deste modo, o preceito *amai-vos uns aos outros* não fica apenas reservado a alguns sonhadores desejando a perfeição, mas é a lei funcional indissoluvelmente ligada à sobrevivência da espécie humana. Hoje, esta palavra *«não diz simplesmente amai-vos para serdes perfeitos, ela acrescenta: Amai-vos ou perecereis». (vol.6, p.200).* Temos bastante dificuldade em aceitar esta lei de Amor e, contudo, somos perfeitamente livres de a recusar, de preferir as nossas violências, os nossos egoísmos, os nossos interesses imediatos; mas é preciso vermos bem que, nesse caso, tomamos a responsabilidade de fazer obstáculo a esta evolução espiritualizante e, assim, arrastar a humanidade para a sua perda.

V. – A EVOLUÇÃO E A FÉ

No prolongamento da evolução passada, Teilhard acaba de nos indicar uma via em direcção a um ponto de convergência Ómega. Esta orientação, sentimo-lo bem, corresponde às nossas aspirações mais nobres, cumula as nossas esperanças e incita-nos a laborar nesse sentido. Mas torna-nos responsáveis pela evolução futura, encargo terrível e desmesurado se o compararmos com as nossas fracas possibilidades humanas. Somos aqui confrontados com os nossos limites, como o teriam sido as primeiras células vivas nos primórdios da biogénese.

Porque há uma questão que de facto se coloca ao longo de todo este processo: como pode afinal o *mais* sair do *menos* ? O acaso foi muitas vezes invocado, mas o acaso não pode construir nada de novo nem de melhor, enquanto que a evolução progride sem cessar, não realizando seja o que for, seja quando for ! Há uma ordem, uma progressão evidente que não se desmente ao longo de milhares de milhões de anos. O fenómeno do envelhecimento, da usura, da degradação inexorável da energia, aquilo a que os cientistas chamam entropia, não pôde impedir a progressão do *menos* em direcção ao *mais*.

Manifestamente e desde o princípio, uma energia interior, uma influência secreta anima e dirige o universo. Para a procurar, devemos elevar-nos acima do plano estritamente material e humano, temos de transpor um novo limiar. A esse nível, é o crente, o místico Teilhard que nos vai iluminar. Ele explorou essa via e a sua visão insere-se na lógica do movimento ascensional do universo.

Para seguir o eixo principal duma evolução que sobe e converge, para a tornar compatível com as aspirações de toda a pessoa humana, que é ser e permanecer profundamente ela própria sem se dissolver num grande todo anónimo, para se

inserir na nossa visão humana, o ponto Ómega deve responder a certos critérios.

Em primeiro lugar, para reunir sem os esmagar todos os elementos pessoais que nós somos, é-lhe necessário ser ele próprio um centro pessoal, uma super-pessoa. Dito doutra maneira, Ómega não é uma ideia, é Alguém.

Seguidamente, se o mundo tem um sentido e converge inexoravelmente para o Espírito, é preciso que esse Alguém escape ao absurdo do desaparecimento por entropia, deve, pois, ser independente do universo sensível, deve ser transcendente.

Enfim, para poder polarizar e atrair desde logo todos os homens para o perfeito Amor, é preciso que esteja já presente entre nós: «*Para ser supremamente atraente, Ómega deve estar já supremamente presente.*»

Se esta super-pessoa, centro de centros, existe, é normal que se dê a conhecer às pessoas que nós somos, falando-lhes pessoalmente.

Nestas condições, o Padre Teilhard, impregnado de cristianismo, não pode fazer menos do que reconhecer o Cristo em Ómega e identificar Ómega e o Cristo: *«O grande acontecimento da minha vida terá sido a identificação gradual, no céu da minha alma, de dois sóis, sendo um destes astros o cume cósmico postulado por uma evolução generalizada de tipo convergente e, o outro, encontrando-se formado pelo Jesus ressuscitado da Fé cristã.» (vol.7, p.404).*

Pode efectivamente perguntar-se se esta posição do Cristo no cume da Criação é realmente compatível com o Jesus histórico, nascido há dois mil anos numa pequena aldeia da Palestina. Mas, no espírito de Teilhard não há a mínima ambiguidade: *»Quanto mais, com efeito, reflectimos nas leis profundas da Evolução, mais nos convencemos de que o Cristo universal não poderia aparecer no fim dos tempos no cume do Mundo se não se tivesse previamente introduzido, a meio do caminho, por via de nascimento, sob a forma dum elemento. Se é verdadeiramente pelo Cristo-Ómega que o universo se mantém em movimento, é precisamente do seu germe concreto, o Homem de Nazaré, que o Cristo-Ómega tira (teoricamente e historicamente), tanto quanto experimentamos, toda a sua consistência.» (vol.10, p.211).*

Para nós, humanos, a Encarnação é o acontecimento máximo que vai reunir Deus e a Terra, a Criação e o Criador. O Padre Teilhard pode, assim, enunciar a propriedade fundamental do Cristianismo: *«A essência do Cristianismo não é, nada mais nada menos, do que a crença na unificação do Mundo em Deus pela Encarnação.» (vol.6, p.118).*

Como a acção do Amor é a lei funcional indissoluvelmente ligada à sobrevivência da espécie humana, do mesmo modo o Cristo tem, por natureza, uma relação

orgânica com a Criação inteira. Desde o início, antes da Encarnação, animou e orientou o universo: *«As prodigiosas durações que precederam o primeiro Natal não estavam vazias dele, mas penetradas do seu influxo poderoso. É a agitação da sua concepção que revolve os nadas cósmicos e dirige as primeiras correntes da Biosfera. Foram bem necessários os labores medonhos e anónimos do Homem primitivo, a longa beleza egípcia, a espera inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado dos místicos orientais, a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que, sobre a haste de Jessé e da Humanidade, a Flor pudesse eclodir: quando o Cristo apareceu nos braços de Maria, Ele acabava de erguer o Mundo.» (vol.9, p.90-91).*

Porque foi o Cristo que nos revelou esta lei do Amor. O homem, entregue a si próprio, imerso neste mundo de lutas, de sofrimentos, de injustiças, não teria conseguido realizar que o Amor é o fundamento de tudo. Para tornar credível esta verdade fundamental, foi preciso que Deus viesse partilhar esta experiência de lutas, de sofrimentos, de injustiças e que lhe aceitasse todos os perigos.

Pela sua vida, ele faz-se servo e insere o poder do Amor nos sofrimentos e nos gestos quotidianos. No cume desta lógica, pela sua morte e ressurreição, ele abre-nos a porta dum mundo novo liberto do Mal, um mundo a construir e que não poderá realizar-se sem a aceitação e os esforços dos homens por livre escolha. Na *«Missa sobre o Mundo»*, o Padre Teilhard oferece em sacrifício *«este pão, nosso esforço»* e *«este vinho, nossa dor».*

Sabemos aqui que, apesar dos nossos fracos meios, a nossa responsabilidade está comprometida. Como havemos de ser suficientemente receptivos à influência do Cristo para assumirmos o nosso papel ? A resposta do Padre Teilhard de Chardin é clara: pela Eucaristia. *«Ela é o sacramento único ao qual todos os outros se referem. E isto pela boa razão de que por ela passa directamente o eixo da Encarnação, isto é, da Criação» (vol.10, p.194) «Quando o Cristo desce sacramentalmente em cada um dos fiéis (...) não é apenas para conversar com ele. É para o anexar um pouco mais, fisicamente, a Si e a todos os outros fiéis na unidade crescente do Mundo» (vol.10, p.90).*

Temos o nosso lugar nesta extraordinária aventura em vista à unidade total do Cristo com a Criação. *«E depois de ter nascido Jesus, de ter acabado de crescer, de ter morrido, tudo continuou a mover-se porque o Cristo não acabou de se formar. Não acabou de cingir a si as últimas pregas da sua Túnica de carne e de Amor que constituem os seus fiéis (...) O mundo cria-se ainda n'Ele, é o Cristo que se completa» (vol.12, p.68-69) - «Em última análise, a Cosmogénese, depois que se*

revelou, seguindo o seu eixo principal, Biogénese, Noogénese, culmina na Cristogénese que todos os cristãos veneram.» (vol.13, p.109)

Esta concepção do Cristianismo não deve aparecer como uma descoberta ligada ao facto de a Evolução ser posta em evidência. Mas o facto de que o Mundo não está acabado, que está ainda em construção, ilumina o novo dia da Verdade Revelada sem a colocar em causa. Já na Epístola aos Colossenses S. Paulo nos havia dito, falando do Cristo: *«Ele é a imagem do Deus invisível. Primeiro nascido de todas as criaturas, porque é nele que todas as coisas foram criadas ... tudo foi criado por ele e para ele ... ele é antes de todas as coisas e tudo subsiste nele.»* O Cristo identifica-se com esta influência secreta que anima e dirige o Mundo desde o início. *«O meu Pai está continuamente em acção e eu também estou em acção» (In, 5, 17)*

É o que dizem igualmente os Padres da Igreja: *Deus fez-se homem para que o homem se torne Deus.* A destruição do pecado não é senão a sua condição inevitável. Apesar disso, séculos de Cristianismo privilegiaram o papel expiatório de Jesus. A contra-corrente, Teilhard dá a prioridade à divinização *«Não mais expiar primeiro e por acréscimo restaurar; mas criar (ou sobre-criar) primeiro e para tal (inevitavelmente mas incisivamente) lutar contra o Mal e pagar por ele.» (vol.10, p.171).* Esta inversão de prioridades conduz, através do Cristo Universal, a exaltar a *face luminosa da Criação* e contribui à subida do *optimismo cristão.* O Cristianismo pode então desabrochar numa esperança activa estendida para o Cristo-Ómega, unidade do Mundo em Deus.

Se a Criação é verdadeiramente *«a passagem dum estado de dispersão inicial a um estado de harmonia final»*, não podemos deixar-nos afectar pela imperfeição actual do Mundo. *«Num mundo criado já acabado ... será injustificável qualquer desordem primitiva: seria preciso procurar um culpado. Mas num mundo que emerge pouco a pouco da Matéria, deixa de ser necessário imaginar um acidente primordial para explicar a aparição do Múltiplo e do seu inevitável satélite: o Mal.» (vol.10, p.102).*

Num mundo em gestação, o esforço, o sofrimento, o Mal, são componentes inevitáveis, mas a nossa liberdade mantém-se. Será só na culminação final que tudo será perfeito porque tudo estará reunido em Deus. Mas sob a condição de que nós o queiramos e apliquemos toda a nossa vontade e esforços nessa direcção. Então: *«O Cristo será tudo em todos»* É nosso dever tender para essa finalidade, depende de nós *«apressarmos a chegada do Dia de Deus». (II Petr 111,12).* Jesus não nos pediu que orássemos *«para que venha o seu reino ?»* .

CONCLUSÃO

No século XX, a concepção do Mundo foi transformada pela descoberta da Evolução. Sabemos agora que o Universo não está acabado, está em construção. Vimos aqui as suas características principais. A Evolução é um movimento constante e acelerado de convergência que, por sínteses sucessivas, vai do simples ao complexo, do inerte ao vivo e do vivo ao consciente.

O homem, o último a chegar a esta cadeia evolutiva, estabeleceu o seu domínio sobre o nosso planeta. Consciente e livre, prossegue através da estrutura da humanidade esta marcha em direcção ao imaterial. Perante a constatação desta dinâmica ascendente que nos engloba, apenas podemos colocar-nos a questão do futuro, futuro do homem, futuro da humanidade.

É bem difícil admitirmos que um tal movimento possa progredir inexoravelmente na mesma direcção durante quinze mil milhões de anos sem visar um objectivo. Não podemos aceitar a ideia de todo esse percurso sem uma finalidade. Se queremos encarar o nosso futuro, temos de aceitar este postulado: o Mundo não é absurdo, o Mundo tem um sentido.

Cientista, homem de fé, Teilhard mostra-se um guia precioso para nos conduzir a esta conclusão. Prolongando o eixo principal da Evolução, ele pôs em evidência que a união não uniformiza, antes diferencia e personaliza. De resto, nem o menor dentre nós aceitaria dissolver-se numa massa anónima. A única convergência possível é a união no Amor, porque só o Amor pode unir sem esmagar. Assim surge o foco de convergência Ómega, fim último da evolução e símbolo do Amor absoluto. A perspectiva do futuro ilumina-se. Cada pessoa humana só pode encontrar o seu pleno desabrochar tendendo para esse ideal. É a nossa vocação mas é também a nossa responsabilidade, porque o êxito deste futuro optimista depende da nossa acção, nada estando ganho à partida.

Para o Padre Teilhard, Ómega coincide com o Cristo. O Cristo, Deus encarnado, que por natureza forma corpo com o Mundo e pode, desde o interior, impelir para esta união última em Deus. Neste processo, os homens, conscientes e livres, têm o seu papel e a sua responsabilidade. Não está ao seu alcance subtraírem-se a ele. Isso supõe uma moral constrangente e imperativa, porque não proveniente de frágeis preceitos humanos mas da própria estrutura do Mundo.

A Evolução impõe-se em todas as visões do futuro como um factor obrigado e determinante. Ao nível da Fé, dá as cores da realidade à teologia de S. Paulo e S. João que, sem ela, poderia parecer demasiado teórica. Ao nível da humanidade, insufla optimismo e esperança nos nossos espíritos, visto dar um sentido à Vida e às nossas obras humanas. Nesta época,

em que a confiança no progresso está embotada e dá lugar, por vezes, a desencantamento e inquietações, a perspectiva aberta por Teilhard vem a calhar: dá-nos razões para crer, esperar, agir, razões para viver.

Mas para laborar nesta unificação do Mundo, não há caminhos traçados. É necessário explorar todas as pistas. Este *dever de investigar* é sagrado e deve exercer-se em todos os domínios: científico, humano e mesmo religioso. « A *Revelação não veio para nos dispensar de procurar, mas apenas para nos dizer em que sentido nós temos que procurar* »

========== X ==========

Estas poucas páginas não têm outro fim que não seja estimular a uma tomada de consciência da importância e da modernidade das ideias de Teilhard.

Temos estado há tanto tempo habituados a uma separação entre matéria e espírito, que a sua posição não pode deixar de nos desorientar e colocar questões. Uma breve exposição não pode dar inteiramente conta da riqueza, da coerência e da actualidade do seu pensamento.

Mas, desde o seu desaparecimento, há cinquenta anos, os avanços científicos mostram, não somente que Teilhard não está desactualizado e que pode ser um guia para os homens do nosso tempo. O que é preciso é que eles o conheçam. [...]

Duas obras maiores dão toda a dimensão do seu pensamento: uma, no plano científico: «O Fenómeno Humano»; outra, no aspecto místico: «O Meio Divino». Há no entanto a assinalar que, numa carta ao Padre de Lubac, Teilhard revelava que tinha terminado «*uma obra mais curta e mais concisa*» do que «O Fenómeno Humano». Tratava-se de «O Lugar do Homem na Natureza».